

## O suicídio no jornalismo: com quem deveríamos falar?<sup>1</sup>

Antonio Carlos Ferreira VIANNA<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### RESUMO

Com base na análise de 40 reportagens sobre suicídio, publicadas pelo jornal *O Globo*, nos últimos 50 anos, e dos depoimentos de três jornalistas que trabalharam na imprensa carioca neste período, este artigo se propõe a discutir as consequências que o receio do *Efeito Werther* tem provocado no jornalismo, em contraste com o índice de mortes autoprovocadas, que vem crescendo no Brasil. A partir disso, com base no conceito do *Efeito Papageno* (NIEDERKROTENTHALER; TILL, 2019), e com o objetivo de contribuir para a redução nas taxas de suicídio, proponho a divulgação de um outro tipo de abordagem sobre esta temática nos veículos de comunicação tradicionais, tendo como foco principal o indivíduo com ideias suicidas, ou seja, aquele que efetivamente está precisando de ajuda.

**PALAVRAS-CHAVE:** Suicídio; jornalismo; saúde; juventude; comunicação.

### Introdução

“O relé da geladeira ocasionou uma grande explosão. Arrancou portas, janelas, paredes do andar dele, do andar de cima, do andar de baixo, do corredor, do elevador... aí eu perguntei para o Gazzaneo<sup>3</sup>: como eu vou começar essa matéria? É suicídio!” (JORNALISTA 1, 2022). A cena, descrita pelo jornalista que trabalhava no *Jornal do Brasil*, no começo dos anos 1980, revela um dilema comum na imprensa brasileira ao longo de muitas décadas. O suicídio é, historicamente, um dos temas mais sensíveis para se abordar nas culturas ocidentais, seja por questões religiosas, políticas, morais ou sociais. No jornalismo, a situação não é diferente. Desde o período que ficou conhecido

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Mídia e Cotidiano na Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF), e-mail: [antoniofvianna@gmail.com](mailto:antoniofvianna@gmail.com).

<sup>3</sup> O renomado jornalista Luiz Mário Gazzaneo era o chefe de reportagem do *Jornal do Brasil*, na ocasião.

---

como a modernização da imprensa no Brasil (BARBOSA, 2010, p. 150), nos anos 1950, tornaram-se frequentes os debates, nas redações, sobre como publicar matérias que envolviam as mortes autoprovocadas.

A questão gira em torno de um conceito conhecido como *Efeito Werther*, segundo o qual existe a possibilidade de um suicídio consumado ser contagioso<sup>4</sup>. Em outras palavras, ao publicar uma notícia sobre suicídio, o jornalista tem potencial em provocar o efeito imitação, em larga escala, na audiência do veículo. Por isso, a temática foi convencionada a ser tratada com mais cuidado pelos profissionais da área. E, com algumas exceções, o assunto acabou sendo evitado, ao longo das últimas décadas, nas reportagens que tratam do cotidiano (ver figura 1).

Entretanto, o mesmo jornalista que trabalhava no *Jornal do Brasil*, no início dos anos 1980, estava agora diante de uma transformação no dilema ético sobre a questão. Ainda na ativa, agora pelo jornal *O Dia*, Lurlindo Ernesto completava 65 anos de profissão no primeiro semestre de 2023. Com toda sua experiência, fazia parte de um grupo, em uma rede social, que transmitia mensagens instantâneas sobre os acontecimentos diários dos bairros da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Neste ambiente digital, não são raros os vídeos e as fotos compartilhadas, contendo cenas do suicídio, que ocorrem no dia a dia desta região.

Com as mudanças tecnológicas, que alteram rapidamente o cotidiano dos indivíduos, principalmente nos grandes centros urbanos contemporâneos, é possível perceber que o dilema sobre publicizar os casos de suicídios não parece ser a questão mais relevante que os jornalistas enfrentam nos dias de hoje. No entanto, o fato de as redes sociais estarem disseminando amplamente imagens de suicidas, nas grandes cidades, não significa que os jornalistas não devam ter mais cuidado em abordar a temática em suas reportagens. Pelo contrário. O que está sendo proposto aqui é buscar uma nova conduta no tratamento do tema, com o objetivo de contribuir para a redução do índice de mortes autoprovocadas, uma vez que se preocupar exclusivamente em evitar o efeito contágio já não parece mais ser suficiente no contexto atual.

As atividades de promoção da saúde podem ser mais eficazes quando incentivam a publicação de matérias sobre indivíduos que se abstiveram de colocar em prática planos suicidas e, em vez disso,

---

<sup>4</sup> O termo aqui não se refere à concepção adotada por infectologistas, mas sim a uma espécie de alucinação que transforma os indivíduos tomados na massa em autômatos, conforme entendia o sociólogo italiano Scipio Sighele (1891). (MATTELART, A.; MATTELART, M., 2007, p. 24).

---

adotaram mecanismos de enfrentamento positivos em circunstâncias adversas<sup>5</sup> (NIEDERKROTENTHALER et al., 2010, p. 241).

A partir desta premissa, este trabalho se propõe a refletir novas possibilidades para o jornalismo tradicional, com o objetivo de atuar na tentativa de frear a curva que aponta o crescimento dos índices de suicídio no Brasil. Para isso, foram analisadas 40 reportagens sobre suicídio, que foram publicadas no jornal *O Globo*, de 1973 a 2022. A opção pelo jornal se deve a sua importância, enquanto veículo de comunicação brasileiro, nos últimos 50 anos. Após as reformas editoriais realizadas no final da década de 1970, “*O Globo* passa a ser, de maneira incontestável, líder em termos de tiragens, ultrapassando a marca dos 400 mil exemplares diários, na edição de 11 de novembro de 1979” (BARBOSA, 2010, p. 198) e chega a atingir uma média diária de 2,3 milhões de leitores nos anos 1980. Nos anos 2000, o impresso chega a ser o segundo jornal mais lido do país, o que faz deste veículo um caso exemplar para traduzir como esta temática foi abordada no jornalismo brasileiro nas últimas décadas até os dias de hoje.

As reportagens analisadas neste trabalho foram selecionadas de modo aleatório, pois a ideia foi captar a maneira como o suicídio é retratado no cotidiano, durante as últimas cinco décadas, no jornal *O Globo*. Foi realizado um sorteio para determinar quais seriam as notícias lidas e analisadas. O primeiro passo foi acessar o *Acervo Digital do Jornal O Globo*. Em seguida, foi inserida a palavra “suicídio” no campo de pesquisa do portal, quando foram encontradas 18.626 páginas com citações, entre 1973 a 2022. A partir disso, foram sorteadas 40 matérias, neste universo, para compor o *corpus* deste trabalho.

De maneira complementar, foram colhidos os depoimentos de três jornalistas que atuaram nas redações dos quatro jornais mais representativos do Rio de Janeiro (*O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Dia* e *Extra*), neste período, para que fosse possível comparar as recomendações apontadas nas rotinas dos profissionais com os resultados encontrados na análise das páginas publicadas no jornal. Os depoimentos foram ricos em memória oral, trazendo novas perspectivas que o material empírico, isoladamente, não daria conta.

---

<sup>5</sup> Tradução livre do autor para “Healthpromoting activities may be most effective when they encourage the publication of articles on individuals who refrained from adopting suicidal plans, and instead adopted positive coping mechanisms in adverse circumstances” (NIEDERKROTENTHALER et al., 2010, p. 241).

---

## O silêncio na imprensa tradicional

A teoria do efeito contágio, em relação às mortes autoinfligidas, surge a partir da obra *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe. Publicado em 1774, o livro narra as desilusões amorosas de um jovem chamado Werther.

O personagem principal conta ao amigo Wilhelm a história de seu amor impossível por Charlotte, prometida em casamento para outro. Werther não consegue esquecê-la e também não encontra outra saída. Assim, no decorrer das páginas, acaba se suicidando.

Após o lançamento na Europa, a história de Goethe inspirou dezenas de jovens leitores, que passaram a se vestir como o protagonista, com calças amarelas e colete azul. Além disso, foi atribuída à história a culpa por outro fenômeno: uma onda de suicídios. (DIAS; CRUBER, 2019).

No Brasil, as preocupações com o *Efeito Werther* na imprensa originam-se na década de 1950, quando o campo jornalístico passa por um processo de autonomização, em relação ao literário. Neste período, com o objetivo de legitimar a profissão, os jornais diários dão início a uma série de alterações em seus processos de produção, o que “transforma inteiramente a face do jornalismo que se faz no país”. (BARBOSA, 2010, p. 149-150).

Assim, as reformas dos jornais da década de 1950 devem ser lidas como o momento de construção, pelos próprios profissionais, do marco fundador de um jornalismo que se fazia moderno e permeado por uma neutralidade fundamental para espelhar o mundo. A mítica da objetividade – imposta pelos padrões redacionais e editoriais – é fundamental para dar ao campo lugar autônomo e reconhecido [...] (Ibidem.).

O processo de profissionalização do jornalismo, especialmente no Rio de Janeiro, coincide com o emblemático suicídio do presidente da República, Getúlio Dornelles Vargas, período em que estão sendo construídos valores e representações sobre o jornalista ideal, a partir de uma suposta neutralidade e objetividade, na busca de garantir o reconhecimento social da profissão. O jornalismo, travestido cada vez mais de sua natureza política e social, precisaria ter mais responsabilidade no momento de divulgar um assunto que poderia provocar uma onda de suicídios no país.

No Brasil, o assunto também não era um grande tabu até os anos 1950 (DAPIEVE, 2007). Relatos de suicídios eram comuns, entre muitas ocorrências policiais que preenchiam as páginas dos jornais brasileiros. Ainda segundo o autor, a cobertura do suicídio do presidente Getúlio Vargas, esmiuçada tal como outros casos de suicídio que chegavam aos

---

jornais, marcou o período de transição do fazer jornalístico no país, nos anos 1950.

Após esse período, pouco a pouco o tema vai sendo evitado, por motivos como o respeito à privacidade do suicida e à dor de seus familiares (DAPIEVE, 2007). Outros fatores para o assunto não vir à tona seriam o fato de que o suicídio passa a ser associado à ideia de fracasso, além do motivo principal: o receio de estimular as mortes “por imitação”. (MENDES; VIANNA; FELIX, 2022, p. 458).

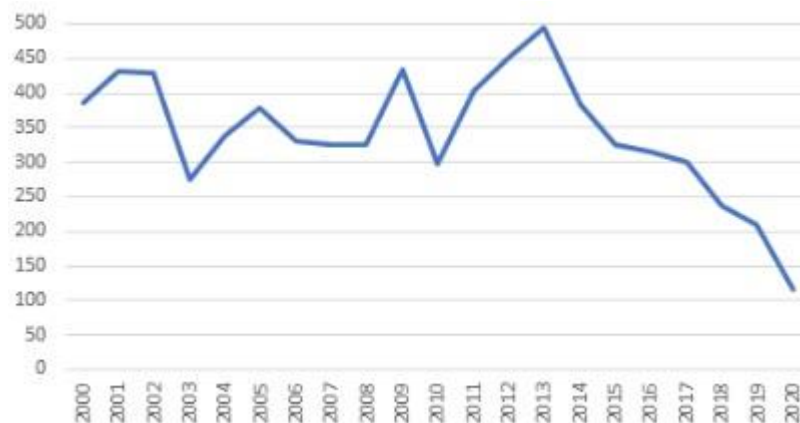
A preocupação com o *Efeito Werther* levou a Organização Mundial de Saúde (OMS) a elencar algumas normas para serem adotadas pelos profissionais de comunicação que desejarem abordar a temática. Em um documento denominado “Preventing suicide: A resource for media professionals”, a OMS estabelece que as reportagens precisam fornecer informações precisas sobre onde procurar ajuda; ter cuidado especial ao relatar suicídios de celebridades; educar o público sobre fatos e prevenção do suicídio, sem espalhar mitos; ter cuidado ao entrevistar familiares ou amigos enlutados; relatar histórias sobre como enfrentar os estresses do cotidiano; e reconhecer que os próprios profissionais de mídia podem ser afetados por histórias de suicídio (WHO, 2017).

Além disso, o mesmo guia recomenda que as histórias sobre suicídio não se repitam e nem ganhem destaque, não sejam normalizadas, sensacionalistas e nem apresentadas como solução construtiva de problemas. Os métodos utilizados jamais devem ser descritos e não devem ser fornecidos detalhes sobre a localização, nem usadas manchetes sensacionalistas ou fotografias, vídeos e endereços para redes sociais (WHO, 2017).

Neste contexto, a complexidade do assunto fez com que este tipo de notícia acabasse preterida, nos veículos tradicionais, ao longo das últimas décadas. Os depoimentos orais dos jornalistas, para o autor deste artigo, confirmaram que o cotidiano das redações, com suas urgências de apuração, redação e publicação, muitas vezes até sem revisão, era incompatível com a série de cuidados exigida pelas recomendações preconizadas pela OMS. Na dúvida, era melhor, então, não noticiar os casos de suicídio.

Com isso, para evitar o *Efeito Werther*, houve uma espécie de silenciamento sobre a temática na imprensa brasileira tradicional (MENDES; VIANNA, FELIX, 2022). No caso do jornal *O Globo*, a queda na quantidade de páginas que citam a palavra “suicídio” pode ser observada de maneira ainda mais significativa nas últimas duas décadas, conforme demonstra a figura 1.

Figura 1 – Páginas que citam a palavra “suicídio”, em *O Globo*, de 2000 a 2020.



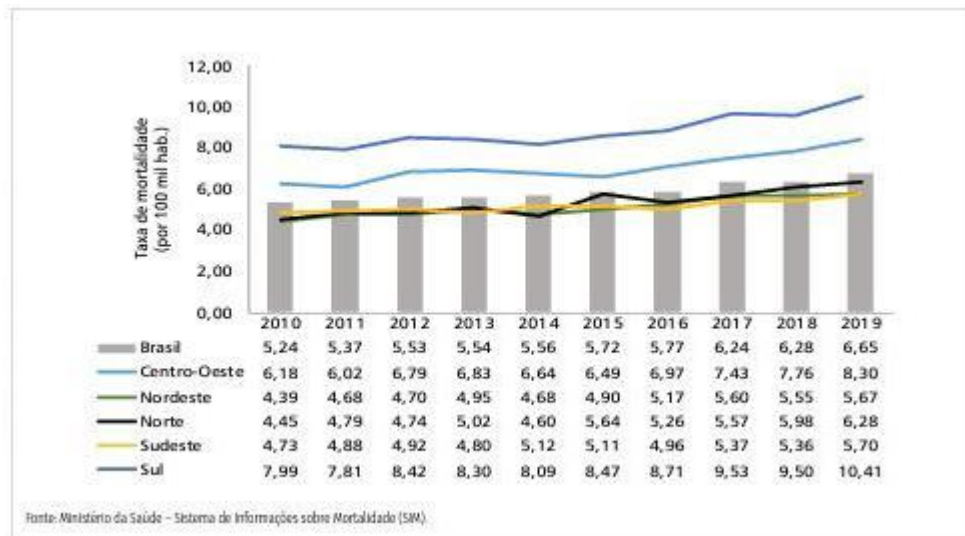
Fonte: Vianna/2021 (dados do *Acervo O Globo*)

Entretanto, o crescimento na taxa de mortalidade por suicídio, principalmente entre os jovens, indica que o silenciamento dos veículos jornalísticos não vem desempenhando um papel eficiente na prevenção, conforme é possível observar na figura 2. Além disso, as mudanças tecnológicas, citadas no tópico introdutório, levaram à percepção de que a divulgação de cenas de suicídio tornaram-se cada vez mais frequentes nos ambientes digitais. Desta forma, a postura de simplesmente evitar o assunto, pelo receio de provocar o *Efeito Werther*, já não parece possuir a mesma relevância que havia dos anos 1970 até os anos 2010.

É sabido que a noticiabilidade dos casos, como no exemplo do dilema suscitado por Luarlindo Ernesto na introdução, aumenta a probabilidade de suicídio na audiência, informação confirmada pelo estudo do médico austríaco Thomas Niederkrotenthaler. Segundo a pesquisa do suicidólogo, os relatos de mitos públicos de suicídio, assim como a repetição da temática, foram associados aos aumentos nas taxas. Além disso, reportagens com a opinião de especialistas, ou que trazem fatores epidemiológicos, também são consideradas desfavoráveis e relacionadas ao crescimento no índice (NIEDERKROTENTHALER et. al., 2010, p. 241).

Neste contexto, com base na classificação de “favoráveis” ou “desfavoráveis”, de Niederkrotenthaler et. al. (2010), e nas advertências elencadas pelo documento da Organização Mundial de Saúde (OMS), foram analisadas 40 matérias que continham a palavra suicídio, publicadas nas páginas do jornal *O Globo*, com especial atenção para os aspectos que foram descritos até aqui.

Figura 2 – Evolução das taxas de mortalidade por suicídio, ajustadas por idade, segundo região brasileira, de 2010 a 2019.



Fonte: Ministério da Saúde/2020

### Um olhar para quem precisa de ajuda

O silenciamento sobre a temática também pode ser observado nas matérias que foram sorteadas para este artigo, uma vez que 25% do total das matérias (10 reportagens) tratavam de episódios ficcionais. Significa dizer que, mesmo sendo realizada uma busca por páginas que continham a palavra suicídio, em *O Globo*, uma parte considerável do conteúdo encontrado não abordava casos reais de mortes autoinfligidas.

Já entre as páginas que se referiram a casos concretos de mortes autoprovocadas, 86,6% do total (26 matérias) enquadram-se como “desfavorável”, na classificação estabelecida por Thomas Niederkrotenthaler. Enquanto isso, apenas 13,3% (quatro páginas) das matérias em que o suicídio aparece como um fato real podem ser enquadradas como “favorável”, segundo a mesma classificação.

Principalmente nas décadas anteriores à publicação do documento da OMS, eram frequentes as notícias que normalizavam este tipo de morte, como apareceu na edição de 09 de fevereiro de 1974: “O criminoso, Ico dos Santos, de 24 anos, desmaiou ao constatar que matara seu próprio pai, João B. dos Santos, de 54 anos. Ainda sem sentido, ele foi preso e depois recolhido à Cadeia Pública, onde agora tenta o suicídio” (NA ESCURIDÃO..., 1974, p. 8).

A maioria destas reportagens integra uma categoria na qual a noticiabilidade

---

do evento combina uma investigação policial, de forte interesse público, com a morte autoprovocada. Foi o caso do episódio, descrito detalhadamente, em 19 de julho de 1990: “Com três tiros de revólver calibre 38, o motorista da Central de Medicamentos (Ceme), José Bento de Souza, assassinou ontem, às 17h20m, sua mulher, Auricéia Ferreira Travassos, [...] e depois se suicidou com um tiro na cabeça.” (SERVIDOR..., 1990, p. 10). Neste exemplo, foi informado o método, o local e ainda uma possível justificativa para a morte autoprovocada.

E não se tratava de um caso isolado. A pesquisa também encontrou uma narrativa aprofundada sobre o caso em que *O Globo* descreveu como “pacto de morte” de um casal de idosos: “A polícia acredita que o casal de húngaros Ladislau Fabri, 73 anos, e Catarina Fabri, 68 anos, fez um pacto de morte e decidiu matar-se aspirando gás de cozinha após ingerir veneno” (CASAL..., 1980, p. 7).

Ainda que não seja tratado como fato principal, o suicídio costuma aparecer como peça importante para a compreensão de uma notícia. É o caso da reportagem sobre a pressão dos egípcios para derrubar o governo de Hosni Mubarak, no começo dos anos 2010: “A crise em Túnis foi desencadeada após a morte de um jovem desempregado que ateou fogo em si mesmo em protesto contra o governo de Bem Ali” (EGÍPCIOS..., 2011, p. 28). A abordagem foi similar à matéria com o título “Explosão Suspeita”, na qual o suicídio explicava a detonação de um veículo na cidade de Modena, no norte da Itália, no dia 12 de dezembro de 2003.

Já a repetição de episódios de suicídios foi encontrada, em *O Globo*, como consequência de atentados que ganham destaque na imprensa. Na matéria sorteada na edição do dia 21 de outubro de 2017, uma notícia sobre este tipo de morte lembrava um outro episódio similar, ocorrido no ano de 2011. Na ocasião, o jovem Wellington Menezes de Oliveira entrou atirando a esmo na escola pública onde havia estudado: “Antes de suicidar-se com um tiro na cabeça, Wellington matou 12 estudantes, com idades entre 13 e 16 anos. Durante a investigação, a polícia encontrou, na casa do rapaz, um bilhete no qual ele contava ter sofrido bullying” (GUERRA; VIANA, 2017, p. 4). A matéria relata ainda uma possível causa para justificar a ação: o *bullying*.

As características que foram apontadas até aqui estão em evidente desacordo com os preceitos publicados pela Organização Mundial de Saúde. Algumas destas matérias, inclusive, foram escritas antes da publicação da primeira versão do manual da OMS (2000). O que chama mais atenção, contudo, são as reportagens que não ferem os



preceitos do documento da organização, mas ainda sim precisam ser suprimidas das rotinas dos jornalistas. Frequentes no cotidiano das redações, principalmente nos meses de setembro, estas matérias serviriam para cumprir a função social do jornalismo de alavancar as campanhas de prevenção e ajudar no combate aos problemas de saúde da população: “[...] a data de hoje é marcada pelo Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio, uma iniciativa que faz parte da campanha Setembro Amarelo. [...] O psiquiatra Antônio Geraldo da Silva, coordenador da campanha, aponta 2017 como um ano especial [...]” (BLOWER, 2017, p. 45).

Segundo Niederkrotenthaler et al. (2010), este tipo de notícia é classificado como potencialmente prejudicial, pois as opiniões de especialistas, usadas como um meio de dar seriedade às reportagens, são inseridas em um contexto sensacionalista desfavorável:

- Uma queixa comum, que confunde por ser algo comum à idade, é o déficit cognitivo – afirma o psiquiatra Ariel Lipman. – A maior dificuldade em fazer o diagnóstico no idoso é que muitas vezes seus sintomas são encarados como algo normal da idade – completa. (MARIANO, 2022, p. 27).

Pesquisadores observaram que os dados estatísticos e a opinião de especialistas, nos jornais impressos, foram escritos com um estilo mais sensacionalista do que as próprias notícias que descrevem os casos reais de suicídios já consumados. “A tendência de dar notícias deste modo tem sido resultado de uma imagem negativa de mundo entre os leitores (a “hipótese do mundo assustador”). Os efeitos disso, em sujeitos com ideação suicida, claramente justificam um exame mais aprofundado<sup>6</sup>” (NIEDERKROTENTHALER et. al., 2010, p. 241). É possível observar, também, que as notícias relacionadas às campanhas dos meses de setembro não se dirigem às pessoas que possuem ideações suicidas.

Com base nas recomendações da OMS e da pesquisa desenvolvida pelo médico austríaco, este artigo parte do pressuposto de que é possível prevenir o comportamento suicida por meio de notícias publicadas nos veículos de comunicação. Entretanto, para alcançar resultados significativos na prevenção, seria necessário mudar a direção que

---

<sup>6</sup> Tradução livre do autor para “Similar conclusions were reached in an analysis of suicide-related print media reports in Australia concerning statistical media items, with the researchers noting that, in their opinion, statistical items were written in a more unfavourable, sensationalist style than media items on completed suicides. More generally, the tendency to present news in a negative way in the tabloid media has been assumed to result in a negative world image among recipients (the so-called ‘scary world hypothesis’). The effects of such ‘mixed messages’ on individuals with suicidal constrictions clearly warrants further scrutiny.” (NIEDERKROTENTHALER et al., 2010, p. 241).

está sendo dada, para as matérias sobre o tema, nos veículos tradicionais. Os exemplos sorteados em *O Globo* apontam para a necessidade de dar visibilidade aos sujeitos que possuem ideação suicida, mas não materializaram nenhuma tentativa de pôr fim a própria vida.

Conhecida como *Efeito Papageno*<sup>7</sup>, essa teoria acredita que, se os veículos de comunicação possuem a capacidade de produzir o efeito contágio na audiência, para acarretar suicídios em massa (*Efeito Werther*), também será possível fazer prevenção em larga escala através da mídia. Entretanto, para obter esse “efeito protetor”, seria preciso virar o olhar para as pessoas que efetivamente estão em sofrimento. São os indivíduos com ideação suicida que precisam se tornar os destinatários das mensagens que são produzidas. “Destacar as possibilidades de enfrentamento da ideação suicida e gestão da própria vida pode ajudar a reduzir o estigma da ideação suicida sem correr o risco de causar danos aos indivíduos vulneráveis.”<sup>8</sup> (NIEDERKROTENTHALER; TILL, 2019, p. 11).

A partir desta concepção, o objetivo deste trabalho é divulgar uma perspectiva diferente para ajudar jornalistas a produzirem textos que possam contribuir, de maneira mais significativa, na prevenção do suicídio no Brasil. Principalmente em um momento em que as taxas estão em crescimento e o país passa por um período de reconstrução, após os efeitos trágicos de uma pandemia. Neste cenário, em parceria com as pesquisadoras Larissa de Moraes Ribeiro Mendes e Carla Baiense Felix (2022), foi elaborado um guia com estratégias para facilitar os profissionais a abordarem esta questão. Os cinco tópicos foram elaborados com base na perspectiva do *Efeito Papageno*, segundo a concepção de Benedikt Till e Thomas Niederkrotenthaler (2019).

Deste modo, esperamos contribuir para trazer alternativas de conteúdo jornalístico responsável na abordagem cotidiana sobre o tema:

- Não pautar o assunto pela ocorrência de suicídios, mas pela perspectiva de recuperação, em relação aos momentos em que a pessoa pensou em tirar a própria vida, e do serviço de apoio;
- Dar visibilidade a histórias de pessoas que desistiram da ideia de tirar a própria vida e estão bem; desenvolver nessas

<sup>7</sup> “A denominação *Efeito Papageno* tem origem em uma ópera de Mozart, produzida no século XVIII, denominada *Flauta Mágica*. Na ópera, Papageno fica desesperado por perder sua amada, Papagena, e decide se suicidar. Entretanto, três gênios intervêm e o convencem a ir atrás do seu amor. O resultado é que Papageno, ao contrário de Werther, desiste do suicídio e consegue encontrar Papagena.” (MENDES; VIANNA; FELIX, 2022, p. 469).

<sup>8</sup> No original “Highlighting possibilities of coping with suicidal ideation and managing ones lives might help to reduce the stigma of suicidality without running the risk of causing harm among vulnerable individuals.” (NIEDERKROTENTHALER; TILL, 2019, p. 11), em tradução livre do autor.

---

histórias elementos de identificação entre essas pessoas e o leitor que eventualmente tenha ideias suicidas;

- Evitar a cobertura extensiva de um mesmo suicídio – prática que foi associada por Niederkrotenthaler et al. (2010) ao aumento de ocorrências desse tipo de morte;
- Entrevistar profissionais que possam ajudar na compreensão multidisciplinar do problema, fornecendo conteúdos potencialmente úteis no combate ao suicídio;
- Não limitar a cobertura às editorias de Geral/Cidades, abordar o tema a partir de Saúde/Ciência e mesmo Variedades, Comportamento e Cultura, sempre com o intuito de dar visibilidade ao cuidado e às possibilidades de recuperação. (MENDES; VIANNA; FELIX, 2022, p. 470-471).

### Considerações finais

A análise de conteúdo do jornal *O Globo* permitiu observar que as notícias jornalísticas tradicionais foram dirigidas, há várias décadas, a um público que não se identifica com as pessoas que possuem ideação suicida. Repetições sensacionalistas do tema, que se concentram em métodos de suicídio e atos suicidas, provavelmente desencadearão suicídios imitativos (*Efeito Werther*). Por outro lado, histórias que destacam como lidar com circunstâncias adversas e dominar crises suicidas provavelmente reduzirão a ideação suicida em algum nível (*Efeito Papageno*). “Os efeitos nocivos podem ser evitados retratando o suicídio de forma consistente com as recomendações da mídia (por exemplo, OMS, 2017).” (NIEDERKROTENTHALER; TILL, 2019, p. 11).

Enquanto aqueles que possuem ideação suicida enfrentam uma espécie de invisibilidade nas reportagens, mesmo em campanhas de prevenção, como é o caso do “Setembro Amarelo”, reforço aqui a necessidade de que os conteúdos jornalísticos forneçam informações precisas sobre onde procurar ajuda, apresentem histórias de esperança e recuperação, não descrevam detalhes de métodos de suicídio e abstenham-se de sensacionalizar ou normalizar o suicídio (OMS, 2017). Além disso, de acordo com Benedikt Till e Thomas Niederkrotenthaler (2019), o conceito do *Efeito Papageno* pode contribuir para as campanhas de prevenção com histórias de experiências pessoais de ideação suicida, com foco específico em como superar uma crise suicida.

A proposta que este artigo apresenta busca ultrapassar as recomendações do que não deve ser abordado e das indicações de como buscar ajuda. Para transformar os

---

profissionais de mídia em agentes de prevenção ao suicídio, conforme apregoa a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2000, p. 3), é preciso se dirigir às pessoas que possuem ideação. Significa dizer que, para ter um papel ativo na prevenção ao suicídio, é preciso “conversar” com estas pessoas e, conforme defende Niederkrotenthaler et. al. (2010), indicar os benefícios de permanecer vivo.

---

## Referências Bibliográficas

- ACERVO Digital do Jornal O Globo.** [s.d.]. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com>. Acesso em: 27 jan. 2021.
- BARBOSA, M. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BLOWER, A. P. Suicídio: falar é urgente para quebrar tabus. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 set. 2017. Sociedade, p. 45.
- CASAL húngaro faz pacto de morte em São Paulo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 9 set. 1980. O País, p. 7.
- DIAS, Maurício; CRUBER, Leandra. A culpa não é de Werther. **Revista Arco**, Santa Maria, 2019. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/efeito-werther>. Acesso em 10 maio 2023.
- EGÍPCIOS desafiam polícia para derrubar Mubarak. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 jan. 2011. O Mundo, p. 28.
- EXPLOSÃO suspeita. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 dez. 2003. O Mundo, p. 41.
- GUERRA, R.; VIANA, G. Atirador: inspiração em Columbine e ataque de Realengo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 out. 2017. País, p. 4.
- JORNALISTA 1. **Luarlindo Ernesto:** depoimento [set. 2022]. Entrevistador: Antonio Carlos FerreiraVianna. Rio de Janeiro: 2022. 1 arquivo M4A (135 min.).
- MARIANO, L. Setembro amarelo: suicídio entre idosos cresce e vira problema de saúde pública. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 set. 2022. Saúde, p. 27.
- MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias da comunicação.** Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 10ª edição. São Paulo: Loyola, 2007.
- MENDES, L. M.; VIANNA, A. C. F.; FELIX, C. B. A imprensa e o tabu do suicídio: uma proposta de rediscussão do tema. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. Rio de Janeiro, v. 19 n. 56, p. 454-474, 2022.
- NA ESCURIDÃO, matou o suposto ladrão: era seu próprio pai. **O Globo**, Rio de Janeiro, 09 fev. 1974. Primeiro Caderno, p. 8.
- NIEDERKROTENTHALER, T. et al. Role of Media Reports in Completed and Prevented Suicide: Werther v. Papageno Effects. **The British journal of psychiatry: the journal of mental science**, n. 197, v. 3, p. 234-243, 2010.
- NIEDERKROTENTHALER, T.; TILL, B. Suicide and the media: From Werther to Papageno effects – A selective literature review. **Suicidologi**. Oslo, v. 24, n. 2, p. 4-12, 2019.
- OMS. **Prevenção do Suicídio:** Manual para profissionais da mídia. Genebra, 2000. Disponível em: [http://www.who.int/mental\\_health/prevention/suicide/en/suicide-prev\\_media\\_port.pdf](http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicide-prev_media_port.pdf). Acesso em: 26 fev. 2021.

---

SERVIDOR mata mulher e se suicida na Ceme. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 jul. 1990. O País, p. 10.

THEVENET, C. ‘O masculino está em crise’. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 jan. 1998. Prosa & Verso, p. 1.

WHO. **Preventing suicide**: a resource for media professionals, 2008 update. Disponível em: [https://www.who.int/mental\\_health/prevention/suicide/resource\\_media.pdf](https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/resource_media.pdf). Acesso em: 8 abr. 2021.

WHO. **Preventing suicide**: a resource for media professionals, 2017 update. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/258814>. Acesso em: 8 abr. 2021.